5.º ANO LISBOA—QUINTA-FEIRA, 14 DE MAIO DE 1925 N.º 1254

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

VEIO a Lisboa um americano, o sr. Rutherford, a fim de, numa lição ou conferencia publica, explicar o que entende ser a *vida eterna*, ou seja uma maneira engenhosa de viver sempre na terra, sem corrermos o grave risco de lançar a nossa alma, depois da morte, numa longa viagem, atravez das esferas.

No ginasio do Liceu de Camões, reuniram-se algumas centenas de pessoas, desejosas de conhecer a nova bemaventurança.

Proferidas as primeiras palavras, que um interprete ia traduzindo, o auditorio começou a agitar-se, dando visiveis mostras de não querer acompanhar, ao menos com o seu silencio, a esdruxula exposição.

A certa altura a impaciencia tornou-se irreverencia.

Produziram-se gritos, protestos, clamores—uma algazarra que subverteu o zelo apostolico do sr. Rutherford.

Este, impossibilitado de fazer as sensacionais revelações que prometera, declarou que responderá por escrito a quem deseje instruir-se na sciencia da felicidade.

Atonito perante a celeuma que o surpreendeu, declarou:

—«E' a primeira vez que me impedem de falar, depois de ter percorrido, no cumprimento da minha missão, a America e a Europa».

O seu espanto está mais que justificado, visto que, a não ser nos paises em que a liberdade é uma mentira grosseira, ninguem se lembra de desrespeitar uma opinião, só pelo facto de ela contrariar outras opiniões menos educadas.

Entre *nós*, sobretudo nos ultimos tempos, a intolerancia poz se á vontade, empenhando-se com cego ardor para derruir tudo que se lhe afigura discordancia ou critica livre.

Não é necessario citar os factos que abundantemente ilustram a nossa afirmação.

Os tiranetes, embora dizendo-se filhos dilectos da democracia, redobram de atrevimento.

Pouco lhes importa que os homens competentes se isolem, vendo que nada podem contra a vaga de barbarie que nos submerge.

Basta-lhes inventar o chamado receio de tumultos, para não hesitarem no exterminio oratorio dos seus adversarios.

Estes ficam simplesmente com o direito de emudecerem, reservando para a solidão ou para a clausura o monologo interminavel das suas desilusões.

Nós acreditamos que o sr. Rutherford não desvenda misterios que os homens devam conhecer, a fim de operarem a sua salvação.

O misticismo americano é fecundo em criar imaginarios paraizos—uns além, outros áquem tumulo.

Desde o momento, porém, que nos visitou como um povo que faz parte da continuidade internacional — confiado, portanto, na hospitalidade e nas virtudes do nosso caracter—a obrigação dos seus ouvintes era escuta-lo atentamente, não dando azo a que ele nos julgue tão atrasados ainda, que nem sequer sabemos manter-nos correctamente, quando as ideias alheias brigem com as nossas.

* * *

A ASSOCIAÇÃO dos Estudantes da Faculdade de Sciencias promove, depois de amanhã, ás vinte e uma horas e meia, na sua séde, um baile, com trajo de *soirée*, que se anuncia desde já como uma festa brilhantissima.

LOURDES

e a fé dos portugueses

LOURDES, sabado, 9, á noite.—A cidade da Virgem e da predestinada Bernardette, filha do moleiro da rua das *Petits fossés*—lembra-me Sintra, uma Sintra sem rio e sem basilica. Humidade, penetrante como uma oração resada a meio tom a um canto da nave, quando não está ninguem.

Chove sempre. Os peregrinos portugueses, espalhados por seus vinte hoteis, importam-se pouco com a chuva e com o frio. Trazem consigo um calor permanente, que deve ser da Fé, que eu não sei como é que aquece, mas vejo que aquece.

* * *

As cerimonias religiosas hoje foram missa de Sua Eminencia, muito cedo, com pequeno sermão. Não assisti. A's 10 horas houve a visita da peregrinação em peso á gruta da Virgem. Foi um espectaculo mistico interessante, mas cuja importancia se anula ante a imponencia misteriosa, suave de acordes, das solenidades que se seguiram e a que me refiro mais abaixo.

Desta visita, precedida do desfile dos crentes, em longas interminaveis filas de 200 padres, e logo 1.500 peregrinos, rezando e cantando, ás vozes ordenadas dos cantores enfiados em batinas negras, com vivos vermelhos dos monsenhores; desta visita destaco uma curta alocução de D. Antonio Mendes Belo.

Sob o tecto rochoso da gruta, abrigam-se oito prelados. Ardem velas tremulas deante do altar. A' claridade do dia triste, a chama é palida, suficiente. Uma especie de ciciar de luz. Murça vermelha, a mais vermelha de quantas enchem Lourdes, o patriarca de Lisboa sobe ao pulpito, no passo cadenciado dos seus 83 anos e diz:

—Do mais extremo da Europa, de Portugal, nossa Patria, tanto mais querida quanto mais flagelada, saiu esta peregrinação de fé e de patriotismo, para ir á Cidade Eterna, ouvir do Alto do Solio a palavra que instrue, na virtude que comove. Esta viagem não é uma distração; é uma afirmação.

Iremos ouvir; mas iremos tambem dizer que Portugal não morre, que Portugal é o mesmo, que Portugal revive, que a nossa Fé é eterna, porque se transmite, e renova, sob a inspiração da Virgem, Padroeira e Mãe.

A voz do Cardeal é forte, e leva consigo um extranho poder de sinceridade, que o improviso aumenta de emoção. Aponta a Virgem de Lourdes, e brada:

—A Virgem Imaculada é Mãe, e uma Mãe nunca deixa de nos ouvir. Oh Virgem!

A sua voz ressoa.

—Oh Virgem! Ha na nossa terra muita dôr a suavisar, muita lagrima a enxugar, muito pecado a redemir, muito crime a perdoar. Dai consolação a todos os portugueses, mais Fé aos teus filhos, graça aos impios, arrependimento aos maus. Não ha no mundo filhos teus, como os nossos. Dai-nos a graça do teu sorriso, suavisa-nos a alma, e inspira os rebeldes em contradição aberta com a Verdade. Pede para todos perdão, oh Mãe querida. Avé Maria!

E milhares de vozes.

—...cheia de graça, o Senhor é convosco, bemdita sois vós...

Portugueses, franceses, suissos rezam em conjunto.

Junto á margem do rio, duas religiosas dominicanas, percebendo muito bem as palavras do Cardeal numa lingua extranha e dôce de que elas não entendiam nada, rezavam num isolado fervor, de aquietar a furia do rio. Uma velhinha, outra jovem, e pouco bonita—eram lindas. Elas sim, mais do que os Bispos, nas suas catequeses dos pulpitos altos, poderiam converter os impios.

D. Antonio—que não teve uma frase que não fosse de bondade—desceu, muito contente, e a primeira cerimonia, acabou.

A procissão e a benção dos enfermos...

Primeiramente houve terço, na Basilica do Rosario, opulenta de marmores e oiro, de um estilo bisantino fresco, onde os vitrais côam a luz cinsenta, doirando-a, e nos mosaicos, da capela mor, a Bernardette, ingenua e doce, como uma pintura de um Reinolds mistico, contempla o espectaculo. D. José, Bispo de Beja, dirige o terço solene, com cinco intenções: de desagravo pelos males da nossa Patria, pelos seminarios, pela união dos catolicos portugueses, pela integração na Igreja dos que andam afastados e estão dentro deste templo, e pelos sacerdotes de Portugal.

Vozes cantam, nos intervalos das dezenas, os canticos da Avé-Maria e de Bernardette. A Basilica, á cunha, repete, em côro:

Avé! Avé! Avé Maria!

O sermão pronunciou-o D. Manoel, Arcebispo de Evora. Brilhante de forma, um tudo nada duro para as consciencias dos peregrinos, na acusação constante de pecados, de miserias e de fraquesas—dir-se-hia que era uma peregrinação de pouca fé—, o prelado academico logrou penetrar na alma dos crentes, com a severidade das suas insinuações, e com o apelo á penitencia.

—Estão limpas todas as consciencias que me escutam? Não ha remorsos, não ha crimes, não ha vacilações, não ha miserias, não ha delictos monstruosos a reparar? Confessai-vos e penitenciai-vos. Que ninguem saia daqui mal com Deus. Que esta peregrinação não tenha de ser afrontada com as nodoas de algumas almas!

E pediu á Virgem que inspirasse os perdidos ou os de pouca fé. Chamou á peregrinação a «Legião pacifica que não se envolve nas paixões da terra»; aludiu á nossa Patria, que quere viver com as tradições, nesta hora, «talvez» de terriveis apreensões e amargurada de duvidas.

Se D. Antonio, de manhã, foi a bondade. D. Manuel, de tarde, foi a severidade. Um pastor, outro acusador. E' preciso estar de parte para entender isto.

* * *

Deixou de chover. A procissão organiza-se. Cada peregrino conduz a sua vela acesa. Os estrangeiros não tomam parte, mas assistem, no largo amplo, defronte da mole de duvidoso gotico, e cantam.

Em todo o recinto devem encontrar-se cinco mil crentes, incluindo os da peregrinação suiça.

Primeiro desfilam os clerigos, a seguir os seculares, depois as senhoras. Da basilica á gruta leva a procissão, formidavel de sentido religioso, meia hora. Depois, retorna, alargando o passeio. No largo, ante o templo ao centro não está ninguem. Dos lados, dezenas e dezenas de carrinhos com os doentes, que esperam o milagre. Doentes franceses e suiços. Crianças, meninas palidas, cabeça inclinada de sofrimento e esperança. Vi um homem, estendido e inerte. Se um medico me dissesse: tem quatro dias de vida, eu diria: tem quatro horas. Olhos vitreos, boca aberta, faces escaveiradas de ultimo pôr de sol. Moribundo. E ha cegos, aleijados, leprosos, tisicos; ha os diafanos e os inchados. Anquilosados, pasmados, idiotas; alguns dão aparencia de saudaveis.

Lá vem agora ao longe a procissão. Não se canta. Reza-se latim. Padre-Nossos e Avé-Marias sem harmonia de vozes. Arrasta-se a procissão. Começa a chegar ao templo. Os seculares já estão na baixa escadaria, esperando; agora se lhes juntam os clerigos. Ao fundo, cerrando o recinto, onde os suissos fazem teia, disciplinarmente, ficam as senhoras portuguesas, muitas Filhas de Maria.

Chove agora teimosamente. Vejo já perto a

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

TRABALHA-SE afanosamente, apesar de se dizer o contrario, para um ministerio de concentração republicana e ouvimos hoje citar um nome em que ainda se não tinha falado e cujo boato vale apenas registar por interessante, senão viavel: o do no nosso ministro em Paris, sr. dr. Antonio da Fonseca.

Este nome, ao que nos dizem, terá a vantagem de ser aceite pelo Partido Nacionalista, com benevola espectativa.

Ha apenas um obice. O nome do sr. dr. Antonio da Fonseca não tem ainda o *placet* da parte esquerdista do P. R. P. que não perdôa ao representante de Portugal em Paris as suas amistosas relações com o sr. Cunha Leal.

Registemos, porém: o mais categorisado dos parlamentares que fará questão de suceder ao sr. Vitorino Guimarães é, incontestavelmente, o sr. dr. Alvaro de Castro. A luta, portanto, no seio da representação nacional, deve travar-se entre os srs. Alvaro de Castro, Antonio Maria da Silva e José Domingues dos Santos. Só a aceitação do nome do sr. dr. Antonio da Fonseca poderia pôr um pouco de agua na fervura. Como isso é ainda um pouco duvidoso, ha que aguardar serenamente os acontecimentos parlamentares que se aproximam e cuja importancia, aliás, é escusado encobrir.

* * *

O CONSELHO de ministros esteve reunido no ministerio do Interior, das 9,30 ás 13 horas. Foi examinada a situação dos operarios despedidos das fabricas de fosforos, deliberando o governo subsidiar os que não tiverem trabalho, durante noventa dias. Aprovou as instruções a dar ao Alto Comissario de Angola, definindo a orientação da politica que o governo julga dever seguir-se na administração d'aquela provincia.

Fez-se a ultima leitura do decreto visando a apressar os julgamentos dos implicados nos acontecimentos de 18 de abril. O conselho deliberou que, por todos os ministerios, se façam as mais rigorosas economias na administração, respeitando inteiramente as disposições legais sobre compressão de despesas.

* * *

ESCREVE-NOS um dos nossos leitores, que se queixa amargamente dos apertões e pisadelas que sofre nas plataformas dos electricos, cuja lotação foi aumentada.

Aconselhamos-lhe resignação e arte na maneira de se deixar esmagar.

Quem não seja demasiado gordo, encontra bastantes facilidades para ir do Rocio á Estrela, tão bem comprimido, como se fôra um peixe-espada.

Ao apear-se no largo da Estrela, fica com a impressão de reconquistar o seu corpo e adquirir o direito de não olhar para traz.

* * *

SEGUNDO informa a *Havas*, o general Primo de Rivera recebeu hoje o sr. Melo Barreto, que lhe foi apresentar os cavaleiros portugueses que tomaram parte no Concurso Hipico de Madrid.

* * *

DEPOIS de ámanhã, ás 14 horas, tem lugar a 6.ª conferencia do corpo clinico do Banco. Assunto: «Obstetricia de urgencia». Relator, dr. Luis Ottolini.

A musica

O concerto sacro

Recebemos de «Um leitor» a seguinte carta:

Sr. redactor.—Vi com prazer no seu jornal a local intitulada «Musica Sacra Portuguesa», porque o caso é verdadeiramente para interessar o meio artistico português, a cujo ambiente sou quasi estranho, mas cujo convivio aprecio.

Estou para com os artistas como os ouvintes para com os oradores... que já fazem muito ouvindo-os em silencio. Em homenagem á verdade permita-me dizer-lhe que a genialidade do caso não deve ir buscar-se ao cavaco dos cafés, porque ha seguramente 4 anos que ele apaixona espiritos cultissimos da arte musical. E' assunto ventilado todos os anos na Quinta do Bomjardim, em Belas, por ocasião da festa que o marquez de Borba ali celebra por devoção ao Senhor do Bomjardim, patrono da casa. A ideia foi levantada pela sr.ª D. Maria Domingas, harpista celebre, que a sociedade elegante de Lisboa aplaudiu com calor, e que hoje lastima não poder aplaudir; mas s. ex.ª parece querer em tudo partilhar da personalidade de seu pae, e como este deixou a flauta, ela deixou a harpa.

O maestro Carlos Araujo, que é elemento indispensavel da festa do Bomjardim, toma parte activa nos entusiasmos que o assunto desperta, o marquez vive horas de indizivel alegria, encaminhando as coisas para o seu apaixonado, o «maestro Casimiro».

Um outro personagem, Eduardo Pinto Basto, cuja presença é sempre grata aos donos da casa registar na festasinha, é chamado á scena. Organista apaixonado, compreende-se o seu entusiasmo. E assim, ha 4 anos que eu vejo lançada a ideia e o que é mais, feito o programa que é o seguinte: «Matinas de Casimiro cantadas e tocadas pelos quatro orgãos da Basilica de Mafra». Já estavam designados os organistas, mas você chamou-lhe sonho duma tarde de primavera e eu posso chamar-lhe sonho duma tarde de outono, que é, em geral, quando se faz a festa ao Senhor do Bomjardim.

E depois... O marquês deixou a sua celebre flauta.... a sr.ª D. Maria Domingas e a sua não menos celebre harpa... o sr. Pinto Basto... tem mais em que pensar... e o maestro Araujo... delicia-se com as matinas de Casimiro... em sua casa. E nós? Resignamo-nos e já achamos muito que a ideia tivesse segunda genialidade porque, assim, talvez se lá chegue.

Mas, concerto de musica na Basilica de Mafra só com Casimiro ou Frei José Marques.—De v. etc.—*Um leitor.*

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=A's 21,30=«O Sinal de Alarme».
Nacional=Não ha espectaculo.
Trindade=A's 21,15=«A Capital Federal».
S. Luis=A's 21=«A Leiteira de Entre Arroios».
Avenida=A's 21,30=«Era uma vez uma menina...».
Politeama=A's 9,15=«A Aigrette».
Joaquim de Almeida=A's 21=«A Severa».
Apolo=Não ha espectaculo.
Eden=Não ha espectaculo.
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22 30=«Rataplan!».
Coliseu dos Recreios=A's 20,45—«Madame Butterfly».
Salão Foz=A's 20-45=Variedades e cinema.
Bal-Tabarin Montanha=A's 21=Variedades.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente=A' Graça=Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Eden Cinema=Rua do Alvito.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise=Gampolide=Quartas, quintas, sabados e domingos.

Pensão CALDEIRA

Reabriu esta acreditada casa da Travessa do Fala Só, 14

ARES DE HESPANHA

A CORRIDA de Badajoz

e o encontro

D. Ruy da Camara — D. Antonio Cañero

Dois comboios, á cunha, de portugueses, (além dos que foram nas vesperas!) passaram a fronteira e despejaram em Badajoz bastantes milhares de pessoas, sequiosas de verem uma toirada, arrostando com o massador da viagem e o abalo de duas noites perdidas, além do sacraficio da bolsa...

Em pleno Alemtejo, por alturas de aquem do Crato começa a clarear: os meus companheiros dormem ou tentam dormir; atraido sempre pelos segredos da paisagem, não mais desprego os olhos dela—os montados sucedem-se aos montados no recorte das azinheiras tratadas, erguidas sobre tapetes verdes de ceara ou cambiantes roxas da urze que entorna tinta na charneca, alfombrada pela maga palheta do mês de Maio. Perto de Elvas são os olivaes que predominam, subindo e descendo encostas, alongando-se pelos vales e planicies: alinhadas em desfiles de procissão, as oliveiras tranquilas e tristes, sob o doirado do sol que banha o horisonte, erguem-se, abrindo o cinzento das copas. podadas em taça que a luz enche a transbordar, no orgiaco esplendor da manhã radiosa...

Passada a fronteira a planicie estende-se nas campinas extremenhas e ao desembarcar, tomado o logar no «coche» a caminho da minha tão conhecida Puerta de las Palmas, a poucos metros da ponte sobre o Guadiana, sente-se o viver alegre dum povo feliz, despreocupado, confiado com segurança no seu destino, indiferente ás luctas dos politicões de oficio, certa de que as suas tropas manterão a ordem, de que, sob os olhos de Deus, pela Espanha vela o Rei...

No hotel, depois de abraçar Ruy da Camara, num encontro casual, Rogerio Perez apresenta-me Antonio Cañero ao qual agradeço uma fotografia que, com muito amavel dedicatoria, para mim deixára em Lisboa. A seu convite acompanho-o á praça onde o grande cavaleiro vai montar duas «jacas» novas. No pateo dos cavalos, onde paramos, em volta de nós, embasbaca bastante gente, luza e visinha, a olhar o toureiro audaz, num mixto de admiração e pasmo, como que disputando tocar-lhe as vestes, numa ancia de fetichismo... Com Manuel Figueira, Delfim e João Maia entro na praça, a admirarmos e, entre nós, a aplaudirmos as dominadoras vantagens do grande equitador que rapidamente vence uma ou outra resistencia, sem consentir defesas, mandando com as pernas, irrepreensivelmente colocadas sempre, fazendo corpo com a montada submissa á vontade imperiosa do jinete...

Com muitos portugueses, a praça está quasi cheia, quando sôa o primeiro toque e entram no passeio D. Ruy da Camara e Antonio Cañero: Portugal, na mais distinta presença dos seus fidalgos, vem ao lado da Espanha, figurada na elegancia vibratil do andaluz castiço, alto e magro, valente até á temeridade. O primeiro toureia raramente, o segundo faz uma vida intensa de liça e de campo—um rigorosamente dentro dos canones, o outro dentro da sua maneira ..

Nos dois toiros que lhe cabem, Cañero faz o seu toureio que eu já descrevi em sintese, passando-lhes pela cara como um relampago, «galeando», deixando pares de bandarilhas e pondo rojões bons e maus. Apeia-se, pega na muleta e mata. No primeiro, dá uma só estocada, superior, até os copos, e ao passar de instantes o animal baqueia...

D. Ruy da Camara tem no primeiro adversario um manso intoireavel e debalde tenta pôr rojões. Procura magistralmente. O segundo é um toiro manejavel: os rojões tornam a falhar-lhe por exagero de peso. Tem um grande ferro comprido e, após uma preparação lindissima, crava um par de bandarilhas, com cilhas passadas; mas pôsto de alto a baixo, sahindo a dobrar, com elegancia e limpeza.

Um novilheiro despacha-os como pode, recebendo um aviso no segundo, até que, empurrado por Algabeño, entra a valer...

Outros dois saem para a quadrilha de Algabeño que está superior no primeiro, confiado, elegante, com estilo no capote e na muleta, terminando por uma magnifica estocada mortal.

O segundo, negro listão, de bastante poder, tardo, mas bravo, que suportou de Catalino um grande «puiazo», vem rijo ainda para a muleta. Após uma estocada ladeada cai só ao sexto ou setimo «descabello».

Eis num apanhado resumido, o que foi a corrida de Badajoz, com toiros de Soler todos toureaveis, á excepção do segundo, e com signais de bravura no sexto.

* * *

Aproveito agora a circunstancia casual de ter toureado, com Cañero, D. Rui da Camara (pessoa a quem me liga uma solida amizade de muitos anos, uma confiança intima de escolares e cujo toureio em Portugal eu tenho aplaudido abertamente) para poder dizer o que penso do exito dos nossos cavaleiros em praças do visinho reino, desde que a valentia serena e audaciosa do cordovez apareceu a brilhar nas arenas.

Tourear é lutar até abater a fera: a morte é o epilogo logico e tragico e o aniquilamento supremo e completo.

Num país, onde tal fim não só é consentido, mas imposto, a palma da vitoria só pode agitar-se nas mãos daquele que consumar a tragedia.

A morte a rojão, dentro do tempo compativel com a lide dos toiros é tão problematica, que Antonio Cañero raramente a consegue, matando quasi sempre a pé. E, seguindo esta lei que o andaluz ressuscitou em Espanha, se toureou durante seculos em Portugal. Digam-me agora de que lado fica a vantagem emquanto os nossos se não apearem tambem?!

Escusam de vir dizer-me que tourear a cavalo é isto ou é aquilo, que a asneira por cá soe de bolsar...

Tourear é lutar com o toiro com o fim de o matar, a pé ou a cavalo, a dentro dum tempo que as circunstancias determinam, obedecendo a regras e preceitos gerais...

Motta Cabral

Dr. José de Padua
Consultas das 3 ás 5 h.
Coração e pulmões — Raios X — Avenida, 18

LANIFICIOS
PARA FATOS E VESTIDOS
Tecidos para fardamentos
Não comprem sem confrontar preços e das provincias pedindo amostras aos
Grandes Armazens da Beira
SECÇAO DE ALFAIATE
20-22, R. dos Retrozeiros, 24-26
(Esquina da R. dos Fanqueiros)

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro
Calcada da Estrela. 13. 1.º Esquerdo

Colchões de arame
H. BONO
RUA DIARIO DE NOTICIAS, 75
(Ao lado da antiga Farmacia Jara Tel. 642 C)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Viscondessa de Alemquer e D. Maria Augusta de Barros Lima da Cunha e Menezes.

E os srs.:

Dr. Francisco de Oliveira Massano, dr. Ruy de Moura Coutinho de Almeida de Eça, Alfredo Ferreira Pinto Basto, Antonio Moreira de Almeida e José Macieira Lino.

A Caridade

Uma recita elegante

Poucos bilhetes restam para a sensacional recita que, na proxima terça feira, 19, se realiza no teatro Nacional, a favor dos tuberculosos.

Representam-se dois admiraveis trabalhos da ilustre sr.ª D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich que desempenhará, ao lado doutras pessoas da nossa melhor sociedade, os dois papeis principais.

Um deles, «Ficrilinda, Lyrial & Dulcinetta», já foi representado em Cascais. O outro é um lindo misterio num acto, «O Milagre», destinado a um grande exito pela sua originalidade.

Os bilhetes podem ser pedidos para a Rua da Cruz dos Poiais, 101; (Telefone N. 2893) ou amanhã e depois, das 15 ás 17 horas no salão do teatro Nacional.

«No pais do tirismo...»

Continuamos hoje a publicar a distribuição do primeiro quadro da revista «No pais do tirismo...», que na noite de 25 do corrente se representa no S. Luiz, em recita de caridade: «Ramalheteira», D. Maria Leopoldina Meuron de Araujo Perestrelo de Vasconcelos; «Boa-Vida» («compère»), Luiz da Gama; «Bob Snob» («compère»), Pedro Paulo de Freitas Branco; «O homem do banco», Ascenço de Siqueira (S. Martinho); «O homem da companhia dos fosforos», Jaime Chaves de Carvalho; «O homem da comissão de jantares de homenagem», dr. Antonio da Camara Horta e Costa; «Velho bem vestido», João Pinto; «Conductor dos electricos», José de Siqueira (S. Martinho), e «Flirt», João Seabra Ferreira Roquete.

Casamentos

Pela sr.ª D. Maria Augusta Esteves, esposa do sr. Antonio Esteves, foi pedida em casamento, para seu primo o sr. Daniel Ramos Baptista, a sr.ª D. Lidia das Neves Cruz, gentil filha da sr.ª D. Maria da Conceição Cruz e do sr. Serafim das Neves Cruz. O casamento deverá realizar-se ainda este mês.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Alda Helena de Abreu Rodrigues de Mira Nunes, esposa do sr. Jaime Nunes.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

—A sr.ª D. Acacia Herminia de Seabra Pereira Gomes, esposa do engenheiro militar sr. Manuel da Conceição Gomes, teve o seu bom sucesso.

Mãe e filha estão de perfeita saude.

Récita elegante

E' amanhã que no teatro de S. Carlos realisa a sua festa artistica o distinto actor empresario Erico Braga, com a 1.ª representação, nesse teatro, da lindissima peça «Os 3 Anabatistas», peça que no antigo D. Amelia alcançou grande exito e na qual a insigne artista D. Lucilia Simões tem um soberbo trabalho. A noite de amanhã, no S. Carlos, vai ser decerto elegantissima, pois sabemos estarem feitas numerosas combinações entre as principais familias da nossa aristocracia.

Pontos de reunião

No Coliseu dos Recreios

Assistencia elegante á 2.ª recita extrardinaria em que tomou parte o baritono Galeffi:

Viscondessa do Olivã, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Filippa de Sá Paes do Amaral Coelho, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Maria Margarida da Motta Canavarro Fernandes Costa, D. Maria das Dores de Mello e Castro de Trigoso, D. Rachel Cardoso de Carvalho, D. Magdalena Pinto Basto, D. Clementina Dias Costa e filhas, D. Ema e D. Branca, D. Maria Elisa Plantier Martins Dias Costa, D. Virginia Luiza Cardoso, D. Maria Frederica Valsasina, etc.

Agenda

A nossa «elite» dará ámanhã rendez-vous, de tarde, na matinée do Salão Foz e á noite, no S. Luis, recita do maestro Cruz Braz, com a primeira esta epoca da opereta «A Princesa dos Dollars e, no Tivoli, sessões elegantes.

Em viagem

Para Roma, a juntarem-se á peregrinação, partiram da sua quinta, em Alemquer, o sr. D. Antonio Maria de Noronha, sua esposa a senhora D. Maria de La Grandiere de Noronha e seus filhinhos.

—Acompanhada da senhora D. Maria José Burnay de Gusmão, partiu para Bordeus, d'onde seguirá para Paris, a senhora D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, esposa do sr. dr. João Ennes Ulrich e suas filhas.

Os exitos da elegancia

OS ESPECTACULOS DA MODA

Não ha, por toda a Lisboa *smart,* uma familia *chic* em evidencia, uma figura de destaque nas letras ou nas artes que não seja frequentadora dos espectaculos do *Condes,* em soirées brilhantissimas ou encantadoras matinées. A razão é bem simples. E' que neste belo salão, requintadamente adornado e do maior conforto, a orquestra é a melhor de Lisboa e o programa de films é sempre composto com as mais recentes novidades, estreiando as grandes produções mundiais, simultaneamente, ou mesmo antes, dos grandes cinemas de Paris. Efectivamente, na presente ocasião, a joia, a super-produção «Scaramouche» está em exito em Paris e faz tambem as delicias do elegante publico daquele salão, bem como «Mandrin», «Boxeur aristocrata» e outros sucessos de arte e de riso.

Lanificios Nacionais
FATOS ECONOMICOS
DESDE 270$00
VICENTE VINAGRE
Arco do Bandeira, 219, 1.º (Perto do Rossio)

O PERIPLO DE AFRICA

A lenda de Sofala

patria da rainha de Sabá

e o atentado cometido contra a sua velha fortaleza

MOÇAMBIQUE, Abril — Ha quatrocentos anos, quando os portugueses chegaram á India, este nome tinha outra sonoridade e outro encanto: «Sofala»!

O seu prestigio, estendia-se por toda a misteriosa costa da Ethiopia e avançava ainda para além do Ganges, por esses paizes longinquos do Oriente.

Sofala! Sofala! Era o sonho doirado de todo o mercador asiatico, era o grito comercial que se ouvia nos porto do Lervante, era a promessa risonha do oiro de bom quilate das minas de Manica e de Quiteve.

Junto da praia varavam pangaios e bergantins, que vinham de Mombassa, de Melinde e de Cambaya carregados de missanga e de panos de algodão, levando em troca para a India o oiro, o ambar e o marfim daquela antiga e opulenta região de Ophir.

Sofala era então uma cidade rica cheia de movimento e de esplendor, onde os mercadores do Oriente vinham todos os anos resgatar o oiro de Monomotapa, as perolas de Bazaruto e o marfim da Zambezia. A risonha povoação, com aquela mistura pitoresca de trajos e de linguas, oferecia o aspecto bizarro e colorido duma cidade oriental. Por entre as cubatas de capim dos pacificos mocarangas, cruzavam-se os brancos albornozes dos arabes com os barretes encarnados dos indios e os panos multicolores dos cafres guerreiros.

Sujeita ao dominio do rei de Tonga, cuja misteriosa capital ficava a trinta leguas para o interior, Sofala era a mais opulenta cidade da costa oriental. Reflectindo as velas brancas dos seus bergantins nas aguas azues do grande mar das Indias, a cidade do oiro e do marfim vivia feliz, quando os portugueses lá chegaram. Adormecia a cantar, ao som melodioso de um alaude, e sonhava. Nos seus sonhos de grandeza passava toda a policromia bizarra e todo o misterio perturbante do Oriente.

Dizia a lenda — e porque não havemos de acreditar a lenda que é o perfume romantico da Historia!? — «que ali fôra a c te da rainha de Sabá e que do seu porto sairam as frotas do rei Salomão, pejadas de metal luzente, de perol e de marfim».

Recuamos três mil anos na historia do mundo. E diante da nossa imaginação abre-se todo um passado glorioso. As ruinas erguem-se da poeira doirada dos seculos, os palacios sumptuosos crepitam de vida intensa e de prazer, as figuras animam-se, as sombras povoam-se de visões fantasticas, o silencio enche-se de vozes misteriosas.

Peregrinos que vêm de longe, da remota Palestina, e que andaram leguas e leguas sobre as areias do deserto, trazem ainda os olhos deslumbrados pela magnificencia e pelo esplendor dessa côrte maravilhosa do rei Salomão, onde o oiro é tanto que ninguem lhe dá apreço e a prata é tão abundante como as pedras humildes da calçada.

No seu palacio doirado, entre musicas de alaudes e danças voluptuosas de bailarinas orientais, a rainha de Sabá sente-se perturbada pelo encanto sugestivo dessa visão esplendorosa que cada peregrino conta da sua maneira, mas sempre com a mesma admiração e com o mesmo fervor pela cidade distante das maravilhas e pelo principio sabio e prudente que conduziu o seu povo ao reino da abundancia.

A rainha sonha. Encostada ao peitoril lavrado de uma janela, na quietação romantica do entardecer, enquanto as suas damas de honor agitam brandamente as azas palpitantes dos leques de Ceilão, a jovem princesa negra sonha com a figura elegante desse principe aureolado de prestigio e bafejado de Deus.

E a rainha de Sabá sente pela primeira vez uma dôce melancolia que lhe perturba os sentidos, uma vaga aspiração que lhe enche a alma de intranquilidade e de desejo.

Quando o su corpo de ebano mergulha na piscina de marmore rosa, que as escravas purificaram com a linfa multicolor de delicados perfumes, a senhora donairosa do reino de Sofala experimenta uma deliciosa sensação de volupia e de abandono contemplando as linhas impecaveis do seu proprio corpo. E á noite, em sonhos, enquanto o seu povo baila e canta á roda da fogueira, transporta-se no seio fôfo de um bergantim á misteriosa Jerusalem e já se imagina, sob as colunas de marmore do Templo, recebendo das mãos bondosas do eleito o anel dos esponsais e das mãos sagradas do levita a corôa de rainha.

Já o cortejo atravessa, entre palmas e hossanas, as ruas engalanadas de Sião; já as filhas de Jerusalem ajoelham e abençoam a nobre princesa arabe que veio de longe, dos mares do sul, oferecer a sua beleza estranha ao filho de David e a sua alma convertida ao reino de Deus; já corre em borbotões na ara do sacrificio o sangue inocente de duzentos bois, de quarenta veados, de noventa carneiros, de mil e quinhentas galinhas e de outros pacificos animais imolados na primavera da vida para maior gloria do Senhor; já começa o lauto festim, entre musicas celestiais e um perfume bom de carne assada; já o douto Salomão, depois de ter chegado aos labios um vinho dôce e perfumado do paiz de Ephraïn, recita em voz pastosa uma pagina inteira do livro dos Preverbios; já os tules imponderaveis das bailarinas descrevem no ar curvas voluptuosas; já a Terra se enche de misterio, sob a luz palpitante das estrelas, e os galos anunciam a madrugada na quietação noturna dos quintais visinhos; já se afasta toda a companhia alegremente e já os cortinados do leito nupcial se descerram para dar passagem a Sua Magestade o Amor que preside ás nupcias de Salomão com a rainha de Sabá...

E na madrugada côr de rosa, quando as estrelas empalidecem no azul do ceu e o ultimo beijo desmaia nos labios de Salomão, a rainha de Sabá acorda tão solteira como na vespera e mais desejosa de se casar do que nunca.

Nesse mesmo dia, manda aparelhar o seu real bergantim para uma longa viagem. Entre outras preciosidades com que enriquece o seu presente de noivado, contam-se cento e vinte talentos de oiro, mil perolas de uma agua purissima, perfumes do Oriente os mais raros, poderia de Ophir a mais preciosa, sedas, mantos, diademas, purpuras, brocados.

Oh! o famoso tesouro da rainha de Sabá! As riquezas fabulosas que o seu bergantim doirado transportou para Jerusalem e que ao lado do esplendor, do fausto e da magnificiencia arquimilionaria da côrte de Salomão empalideceram como envergonhadas de tanta maravilha nunca vista sobre a face da terra!

Meses depois que os olhos deslumbrados de Sofala viram partir a regia comitiva, a princesa regressou ao seu reino no mesmo bergantim que se fizera de vela para o Mar Vermelho, numa tarde dôce do Ramadam. Novas riquezas se amontoavam prodigamente em cofres de marfim. O seu tesouro ganhou, mas o seu coração perdeu.

E nos longos corredores silenciosos do velho palacio real, a sombra desiludida e triste da rainha de Sabá largos anos chorou a amarga desilusão do seu sonho desfeito...

* * *

Andaram mais tarde os aventureiros portugueses á procura do seu tesouro encantado. Ninguem o encontrou até hoje. A unica recordação que um sabio arqueologico conseguiu descobrir entre velhas pedras milenarias, foi uma peça de roupa milagrosamente conservada pelos seculos, não se sabe por que misterioso processo de conserva. Era um par de cuecas do muito nobre e bondoso rei Salomão.

* * *

Sofala viveu ainda durante um largo periodo o seu sonho de felicidade e de abundancia. Ora, no primeiro seculo do descobrimento da India, as coisas mudaram. A Portugal chegara a noticia maravilhosa das ruinas de oiro de Monomotapa, vasto imperio povoado de tribus cafres que se estendia por muitas leguas para o interior da lendaria região de Ophir. A boa nova correu alvoraçadamente por todo o reino e logo a imaginação popular criou a lenda de que «as pedras preciosas e o aljofar e a especiaria era tanta que não era necessario resgatá-la, mas apanhá la aos cestos».

Sofala era o centro de todo o comercio do oiro. A sua posse sorria aos portugueses. Em seguida á descoberta, efectuou-se logo a conquista. Pero da Naya tomou conta da cidade em nome do rei de Portugal, deu caça aos mahometanos e ali começou a construir, na primeira decada do seculo XVI, uma fortaleza de pedra e cal que era o baluarte protector das naus portuguesas que demandavam a India. Esta fortaleza era a mais antiga reliquia do dominio português na costa de Moçambique. Como tantas outras coisas que sofreram a guigne» do desleixo nacional, perdeu-se. A' semelhança do imperio, que a pouco e pouco se foi desmoronando, tambem ela desapareceu lentamente, vitima da acção do tempo e da incuria dos homens.

Como estes andassem sobejamente preocupados com a ancia de enriquecer depressa, não repararam que os velhos muros ameaçavam ruina, e assim foram deixando perder aquela preciosa joia quinhentista onde tantas vezes se quebrou a vaga alterosa dos cafres que vinham do interior armados de frechas e zagaias contra o dominio português.

E — o que é mais grave — em vez de atalhar a tempo a derrocada, que ameaçava destruir a antiga fortaleza, completaram-na ainda, com uma sanha de barbaros ignorantes e demolidores.

Ha uma duzia de anos, ainda teria sido possivel salvar da ruina o velho monumento quinhentista, tão sobrio de linhas e tão evocativo na simplicidade crenelada das suas ameias, onde tremulou durante quatro seculos a bandeira de Portugal. Não o entenderam assim os delegados coloniais da companhia de Moçambique, que têm sobre o territorio direitos magestaticos, direitos que vão até ao ponto de mandar deitar abaixo antigos monumentos que deviam ser sagrados para estes novos felisteus.

O atentado cometeu-se com todas as sanhas de uma barbaridade sem nome. Sob o pretexto de que o mosquito se ocultava na espessura de um mangal que separava a fortaleza do mar, cortaram as arvores que se opunham á invasão das aguas e dentro em pouco toda a região ficou alagada, destacando-se apenas acima da linha de agua o perfil elegante da velha fortaleza.

Contra o mar aind as pedras sagradas resistiam. Mas contra a sanha demolidora dos filisteus, toda a resistencia era baldada. A picareta completou a derrocada. A ultima pedra do belo monumento colonial veio ainda ha pouco tempo para a Beira, onde foi aproveitada na construção de um liceu e de uma igreja.

E no logar onde se erguia, vitoriosa, a antiga fortaleza manuelina, restam apenas uns pobres alicerces abandonados que ficam a descoberto na maré baixa.

* * *

A opulenta Sofala, a patria lendaria dar ainha de Sabá, senhora do resgate do oiro e do comercio da India, já não verá mais reflectidas nas suas aguas as ameias creneladas da velha fortaleza nem as velas elegantes dos ligeiros pangaios e bergantins. Já não sonha. Já não adormece a cantar ao som melodioso de um alaude. Já não desvancia, sob a luz romantica das estrelas, entrevendo em sonhos toda a policromia bizarra e todo o misterio perturbante do Oriente. Sofala, a branca Sofala, morreu.

NORBERTO LOPES

HOJE—Leilão—HOJE ás 8 h. da noite
Continuação do
Importante leilão de antiguidades e objectos de arte promovido por Krus, Lda.
R. NOVA DA TRINDADE, 23-25
Pregoeiro FRANCISCO REIS

Vejam

OS NOVOS MODELOS
da Sapataria Chiado.
Rua Garrett, 98

MADAME
Compre os seus chapeus na «MANON»
Telefone N. 5551
Rua João Crisostomo, 115, 1.°

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.°— RUA AUGUSTA —70, 2.°
TELEF. C. 1196

Visitar A ELEGANTE
da Rua da Palma, 39-41
é o dever de todas as senhoras que queiram comprar um LINDO CHAPEU.

A Cidade

Doenças da boca, dentes e maxilares
Manuel Valente
Travessa do Corpo Santo, 29, 1.º
(Esquina da Rua de S. Paulo)
Telefone, Central 1853

Chá das cinco

Um aguarelista

Martins Barata acaba de ser para mim uma grande revelação. A sua exposição de aguarelas, na Bobone, revelou-me um artista absolutamente seguro de si, apesar de moço e, sobretudo, revelou-me uma alta sensibilidade e uma força emotiva que não é facil de encontrar em muitos dos nossos pintores.

Fiquei surpreendido. Nunca supuz que Martins Barata, apesar das suas brilhantes aptidões de artista, conseguisse penetrar tão fundo no misterio da natureza—dando longes, perspectivas, atmosferas, nevoas, recortes de montanhas, primeiros planos, com tão grande poder de vibração. E coisa curiosa. Martins Barata não se repete. E' sempre admiravel e diferente. A sua retina abrange tudo. Tem um poder de simpatia enorme.

Ora nos dá uma rua da sua aldeia incendiada pelo sol, ora nos dá um crepusculo tocado de tão impressionante espiritualidade que por si só bastaria para fazer lembrado para sempre o nome de Martins Barata. Nesse crepusculo está o que de melhor o artista possui como sensibilidade creadora. E' uma divina confissão. E só os artistas que se confessam—numa aguarela, num carvão, num soneto, num trecho de musica, num bloco de marmore—têm direito a esperar do futuro a justiça que só o tempo sabe dar.

Não esqueça nunca Martins Barata a quanto se obriga por ter creado a sinfonia admiravel dessa aguarela. Se ha artista pictural capaz de revelar os misterios da alma na paisagem, esse artista é, de nossos dias, Martins Barata. Afirmo-o com a maior alegria e a mais sincera admiração.

Alves Martins

A bailarina Adelinita no «Bal-Tabarin»

Para comprovar os sucessos que está fazendo no «Bal-Tabarin» o grupo de interessantes artistas espanholas, basta dizer-se que todas as noites os salões se enchem para aplaudir os seus «couplets» e os seus bailados.

Para hoje está marcada a estreia de Adelinita, bailarina cheia de vida, duma encantadora graça e com um vistosissimo guarda-roupa.

Os bailes começam ás seis horas da tarde e as sessões de variedades ás nove da noite.

ORDEM PUBLICA

Como implicados nos ultimos acontecimentos, foram preses Alvaro Duarte Costa, Antonio Balbino, Raul Viegas e Urbano Cardoso.

O Viegas, que já esteve preso sob a mesma acusação, fôra posto em liberdade ante-ontem.

Salon Jansen
Cervejaria-Concerto.
Restaurant à la carte.
Preços Moderados.
Provem os famosos bifes Á JANSEN.
O mais amplo salão para Banquetes.
Rua Antonio Maria Cardoso, 5
(Nova Direcção)

Trespassa-se
Mercearia, vinhos e habitação, qualquer ramo. Trespasse 10:000$00. Renda 50$00. Rua Luz Soriano, 36. Junto ao *Diario de Lisboa*.

DO OUTRO MUNDO...

Maria Veleda

põe o nosso jornal em contacto com os espiritos

a proposito do congresso que os espiritas portuguezes inauguram âmanhã

A sr.ª D. Maria Veleda é um espirito bem intencionado que escolheu a sua palma de sacrificio, aceitando o cargo de presidente da direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, que tem a sua séde no Caminho de Baixo da Penha, 5, r/c., esq.º.

Os espiritistas portugueses, que comunicam facilmente com todo o mundo, e mesmo com o outro, sem ser por telefone, linhas telegraficas ou telegrafia sem fios—reunem-se amanhã em congresso publico, onde serão apresentadas varias teses e outras muitas conclusões. Fômos ouvir a sr.ª D. Maria Veleda, cujo passado de propagandista republicana pôs o *reporter* em serias duvidas sobre a sua qualidade de espirita militante e terrena.

A nossa entrevistada, que perdôa todas as ironias que não afectem a correção, responde sem tristura:

—Isso é uma historia muito comprida, meu caro senhor. Não tenho tempo agora de espraiar-me em considerações. Dir-lhe-hei simplesmente que evolui—note bem!—evolui para o Espiritismo, porque me sentia, como livre pensadora que sou, e assim espero morrer...

—Tão cêdo, D. Maria Veleda...

—Deixe-me continuar: Porque me sentia asfixiada pela intolerancia dos meus antigos companheiros de luta...

—Mas não são todos livres pensadores?

—São!

—Ah! sim! Pensam por eles e por nós—pensamento tipo unico, como a liberdade de imprensa e dos jornalistas.

—Não estando filiada em qualquer religião parecia-me, no entanto, um atentado contra a liberdade de consciencia que se fizessem perseguições a *A* ou a *B*, simplesmente porque praticavam a sua religião.

—Foi sempre assim D. Maria Valeda! Foi, pois, refugiar-se no seio do espiritismo. Caiu em transe espiritual...

—Fui sempre uma idealista...

—Quem o não é? Que responda e já, o primeiro que não tenha esse feio e negrado pecado...

—O espiritismo revelou-se-me atravez da poetica *Urânie* de Flamarion. Era um mundo desconhecido e prometedor de ineditas surprezas...

—Se levasse a sua condescendencia a revelar-nos essas surpresas...

—Meu caro senhor! Estou desiludida do Espiritismo-Fenomenologico...

—Tão cedo, minha senhora!

—Não o nego, pois seria loucura pôr em duvida os mais completos relatorios que se têm publicado. O que tenho visto, ou julgado vêr, pode não passar duma exaltação momentanea dos meus sentidos...

—Mas o que tem visto v. ex.ª?

—............................ XXXX

—Ah! sim!

—Sim!

—Oh!

—No que creio verdadeiramente é no espiritismo filosofico. A alma é imortal e evolue através de vidas sucessivas até se integrar no grande Todo—Universal—Deus.

—Que maçada, hein?

—Não tenha duvida! O ladrão, o assassino, são por nós olhados com olhos de piedade. Vemos neles *creaturas* que se hão de regenerar em vida futuras—e não condenadas ás labaredas eternas.

—Mas...—objetámos—queriamos que a sr.ª D. Maria Veleda nos dissesse algo sôbre fantasmas, avejões, almas do outro mundo, e, afinal, fala-nos da doutrina espirita, que não passa de um idealismo...

—Idealismo, seja. Mas o que é a vida sem ideal?! O que eu lhe garanto é que v. não é capaz de encontrar um espirita *convicto*, que se entregue a qualquer vicio que seja avarento, jogador crapuloso ou ladrão. Chamam-nos *malucos*, por aqui se ficam, felizmente.

—E que me diz á cartomancia, ás profecias, etc.?

—Não lhe digo nada. Isso pertence ao genero intrujice. Não é espiritismo nem coisa que com ele se pareça.

—E diga-me: de que vai ocupar-se o proximo Congresso Espirita?

—Mas... de assuntos que se relacionam com o Espiritismo-Sociologic, como não podia deixar de ser. Temos teses, como por exemplo—«O Espiritismo como acção social», «Atitude da Sciencia perante o Espiritismo», «Assistir aos desherdados da fortuna moral e material», que são do interesse de toda a gente.

—E que resultados praticos poderão advir do Congresso?

—Não sei... Talvez uma Federação, como as ha em países mais cultos do que o nosso e onde o Espiritismo não é tratado com chocarrices, para *épater le bourgeois*. Olhe, em Paris vai reunir-se brevemente o grande Congresso Internacional do Espiritismo, onde se farão representar a Belgica, a Suissa, a Espanha, a Republica Argentina, as republicas de Guatemala, Cuba, Porto Rico, etc. Como vê, os *malucos* estão espalhados por todo o mundo...

—Bem; não quere então dizer-nos mais nada?

—Nada mais; mas pode afirmar no seu jornal que o Espiritismo, *o verdadeiro* Espiritismo, não conduz á loucura, como erradamente se tem dito. O Espiritismo trabalha para aproximar as criaturas, numa aspiração comum de Felicidade, num desejo de Aperfeiçoamento, destruindo o Mal e abatendo as fronteiras...

—Mas isso é uma afirmação... revolucionaria!

—Pois que queria v. que eu fosse, dentro do proprio Espiritismo, senão o que fui sempre—uma revolucionaria?

E, estendendo-nos alegremente a mão, a sr.ª D. Maria Veleda deu por finda a entrevista.

AUTOMOVEIS
Salmson
7. H. P. e 10. H. P.
TURISMO, SPORT E CIDADE

Victorias SALMSON
13 de Abril de 1925
Saint-Lo—rampa de 4 o|o
1.º premio Salmson 7. H. P. com a media de 105 kil. á hora.

Armando Crespo & C.ª—Rua do Crucifixo, 118—Lisboa

A CRENÇA

HONTEM

foram a Fátima 100.000 pessoas em dois mil carros de todas as especies

A romagem de peregrinos á capela de Nossa Senhora do Rosario, em Serra d'Ayre, logar de Fátima, no bispado de Leiria, foi, como previramos, uma extraordinaria manifestação de fé catolica, dando a segura impressão de que os mais firmes sentimentos critãos se encontram perduravelmente enraisados no coração do povo português. E quem o não acreditar, que se meta a caminho a 13 de maio do ano que vem, e no meio daquela formidavel multidão de fieis, acorrida de todas as bandas do país, olhe, considere, medite com imparcialidade, e diga depois do seu entender.

Ontem, em Fátima, estiveram mais de cem mil romeiros. De ano para ano o numero de fieis devotos da Virgem do Rosario, cresce, e de tal forma, que só pelo prodigio duma admiravel disciplina—e ela foi ontem apenas mantida ali por escoteiros e estudantes de Leiria e Torres Novas!—se consegue que todos aqueles milhares de pessoas se aconcheguem, rezem, e arrumem em boa paz. Não havia soldados, nem policias. Bastou para que tudo se fizesse na melhor ordem, o concurso de todos os fieis e a sua obediencia a meia duzia de rapazes amaveis e risonhos.

Um amigo nosso, que ali esteve a maior parte do dia, conta-nos coisas surpreendentes. Não houve uma praga, um berro, uma desordem. Não houve bebedeiras de arraial, nem mãos levantadas em gesto de raiva ou crime. Os automoveis estendiam-se em filas, pelas estradas que de Vila Nova de Ourem e Batalha enveredam á serra, ocupando quilometros e quilometros. Eram perto de mil. Carros, corroças, veículos de toda a especie e feitio, não tinham conta. Gericos, então, eram mais do que as estrelas do Ar! E povo, povo de toda a parte, continuamente chegava, e tombava de joelhos em adoração.

—A' volta, já longe—conta-nos o camarada amigo,—ainda vi gente nas lombas das colinas e nos atalhos distantes, de mãos postas, olhos e coração virados para as bandas de Fátima, resando.

A comunhão dos aldeões e da gente das cidades, ao ar livre, em renques de devotos, por entre os quais perpassava a umbela branca, e a custodia refulgente, afirmou, como coisa alguma, a solidariedade das almas perante o Senhor.

As esmolas caíam ininterruptamente aos pés da Virgem. Enchiam cestos e sacas.

—Calculo que talvez a senhora de Fátima houvesse recebido para cima de duzentos, tresentos contos!

A Fé dos romeiros era comovente, maravilhosa.

Coisa de expressão tocante e sobrenatural, naquele grande mar humano, sacudido todo ele por uma rajada de intensa religiosidade.

E diz-nos ainda:

—Olhe, por exemplo, eu consegui, depois de enormes dificuldades, apertado entre centenas de romeiros, entrar sob o alpendre, onde se erguia a imagem da Senhora.

Era dificilimo. As pessoas tinham de passar em sua frente, uma e uma. A maior parte da gente não conseguiu lá chegar. Antes de sair, da banda de fóra, ha uma senhora vestida de preto, chorando, que me chama: «Oiça, meu caro senhor, faça-me uma grande esmola! Não consigo entrar. Estou aqui ha duas horas. Pegue neste lenço (e estendeu-me um lenço branco de bretanha de linho), e por compaixão passe-m'o sobre a figura da Senhora, com Fé». E chorando sempre, explica: «Ha três meses que tenho um filho doente, cheio de febre, entre a vida e a morte. Quero pôr-lhe de volta da cabeça, esse lenço. Ha de melhorar!» Assim o fiz, devolvendo-lhe o lenço, que a sua esperança cristã santificara. Pegou me nas mãos, querendo beija-las, humecendo-as de lagrimas...

Oxalá, Nossa Senhora do Rosario faça esse milagre mais.

Salão Aureo
Exposição dos mais lindos chapeus modelos para a presente estação de verão
246 - R. do Ouro 248 - Telef. N. 3818

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474
HOJE - A'S 8 3/4 - HOJE
A Lei da Hospitalidade
Comedia em 5 partes
A DAMA MASCARADA
Cine-drama modernista em 6 partes

"FOOT-BALL"

NASAZZI

capitão do grupo dos Uruguayos campeões do mundo esteve em Lisboa

Estiveram ontem em Lisboa três campeões do mundo em «foot-ball associa-tion»: José Nasazzi, Pedro Cea e Alfredo Chierra. Os três jogadores uruguayos, grandes vencedores no torneio olimpico de Paris, vêm acompanhados por outros dois «azes» do «foot-ball» uruguayo: Borjas e Zubizarretta — e destinam-se a Bruxelas, onde, reforçando a «équipe» do seu paiz, jogarão contra a selecção da Belgica, no domingo proximo.

Após ter ganho o campeonato mundial em Paris, o «team» representativo do Uruguay regressou ao seu paiz.

Mas a Federação resolveu voltar á Europa em março deste ano, com um «scratch».

O «team» não veiu, porém, na sua maxima força...

Em França, onde desembarcaram, por cada jogo conseguiram um triunfo. E' só em Barcelona sofreram um reves, jogando com a selecção catalã. Os «mestres» não se conformaram, porém, com o desaire. Detiveram-se na sua «tournée» pelo paiz visinho, foram descansar para as Baleares e... telegrafaram para Montevideo.

A passagem, ontem, por Lisboa, dos cinco «azes», resultou desse telegrama..

E Nasazzi, o homem que, chefiando o «onze» olimpico o levou á altura maxima a que é possivel elevar-se a «équipe» duma nação, vai retomar nela o seu posto de «back» direito.

Foi o jornalista o unico companheiro dos jogadores uruguayos, nas horas que eles passaram em Lisboa. E as oito paginas deste jornal não chegariam para dar tudo quanto sobre «foot-ball» eles disseram.

Uma nota leve das muitas impressões e opiniões de Nasazzi:

—Dos «teams» que foram ás olimpiadas, qual lhe agradou mais?

—O Tcheco-slovaco. Apesar de ter tido uma carreira curta, sendo eliminado pela Suissa, deixou-me a impressão de uma tecnica superior: — a mais perfeita das que vi na Europa. O seu unico mal reside na falta de «shootadores». Até dez metros das redes a bola é por eles levada com uma facilidade irrisoria. Mas o remate... esse não vem nunca...

—Depois dos Tchecos...

—... Os suecos. Têm um «onze» formidavel. A Suissa, que nós batemos na «final» do campeonato do mundo, por 3-0, tem tambem uma boa «équipe».

—A Holanda?

—Tem um «onze» apenas regular...

—Mas foi esse o vosso adversario mais perigoso...

—Porque á superioridade tecnica não correspondeu o «score». Começamos por sofrer um «goal». Depois de ataques sucessivos mas mal sucedidos, Cea conseguiu o ponto de empate: — 1 a 1. A nossa pressão aumentou, mas sem melhor resultado.

«Faltavam oito minutos para terminar o encontro quando o arbitro nos concedeu um «penalty». Senti tão grande a minha responsabilidade de «capitão» naquele momento que, depois de colocada a bola na marca e escolhido o jogador que a devia marcar, me deitei no chão, com os braços cruzados sobre a cara, para não ver o resultado do «shoot».

—A sua impressão dos espanhois?

—O seu «foot-ball» tem grandes qualidades e grandissimos defeitos. E a mim, que julgo conhecê-lo bem, assombram os maus resultados obtidos pelo «onze» argentino do «Bocca Juniors», em Bilbao e Irun. Porque o «Bocca Juniors» é como o «Paulistano», e dum valor muito aproximado ao nosso.

«Tive a meio de viagem, conhecimento do 6-0 conseguido pelos brasileiros em Lisboa, mas soube tambem do fraquissimo valor do grupo lisboeta.

«Não tenho ideias firmes sobre o «foot-ball» português, mas sinceramente lhe digo pensar que o julgo de valor egual ao espanhol. E tenho muita pena de não poder assistir ao jogo do Estadio, para aplaudir a vossa mais que possivel vitoria.

O MOMENTO POLITICO

Os culpados

do "18 de Abril" fôram os que estimularam uma politica extremista

diz-nos o deputado democratico Joaquim Ribeiro

O sr. dr. Joaquim Ribeiro, advogado distinto, varias vezes ministro, oficial que fez, valentemente, a guerra da Flandres, e parlamntar democratico em destaque pela sua acção combativa e desassombrada fez hoje ao «Diario de Lisboa» interessantes declarações sobre o momento politico, que reproduzimos fielmente:

—O P. R. P. é o meu partido. Ajudei, nas Constituintes, a formá-lo, e fui solidario com a sua obra: o equilibrio orçamental e a campanha da guerra. O primeiro foi um facto. O que só José Dias Ferreira artificiosamente conseguiu no constitucionalismo monarquico, realisou-o o P. R. P., com segurança, no governo de Afonso Costa. A guerra foi comprometida pelo 5 de Dezembro, e quasi nos expulsaram da Conferencia da Paz. Vimos bem que perderiamos as nossas colonias, se não mostrassemos o nosso sacrificio. O que se lutou nessa Conferencia ha de ser conhecido um dia. As nossas intenções, e os nossos serviços tambem.

—Voltou agora ao P. R. P. Mas ele mudou...

—Talvez fosse essa uma das razões do meu reingresso. Abandonaram muitos a «casa» e outros entraram para as vagas... Os que vieram, nem sempre valiam os que sairam...

A experiencia esquerdista

Vinha a proposito falar do esquerdismo democratico:

—Esse esquerdismo sobressaltou um pouco algumas pessoas...

—E a mim tambem. Não compreendi senão a intenção de se engrandecer, por parte dum audacioso. Se calhasse ser com as «forças vivas», tambem lhe pegava... Creia-o. Pessoas assim usam os meios que têm á mão. Mas julgo a experiencia terminada. Extremismo, em materia legal, compreendo. Devem dar-se ás classes desprotegidas todas as regalias possiveis. Mas, afirmando proteger os explorados, fez-se o contrario. Por exemplo: mecheu-se nas pautas, quando já não havia autorisação para o fazer e os explorados ficaram a pagar varias coisas mais caras, entre elas as lãs. Não se fez uma lei, nem ao menos um projecto que aproveitasse aos explorados...

—Mas os elementos avançados apoiavam, de certo modo, o governo José Domingues dos Santos...

—Porque viam nele um factor de desordem social e, portanto, de demolição. Se alguem teve a ideia de que essas forças lhe serviriam de degrau era tolo...

—Criou-se, talvez por isso, um ambiente propicio para uma revolução...

—Evidentemente. A loucura dum homem de ideias curtas pretendeu coagir o Parlamento, com a «Legião Vermelha» nas galerias. Procedimento inaudito! Lembre-se do «Gavroche» e doutros frequentadores dos tribunais que até ali andavam a monte... As celebres manifestações contra a Guarda Republicana e contra a policia são tambem uma prova das intenções dessa gente... Eu ainda era independente, esperando a obra governamental com uma curiosidade incredula, ainda que benevola. Mas, como não tinha responsabilidade alguma «naquilo», surgi prontamente, e, com excelentes auxiliares, corri com tais governantes que jámais voltarão ao poder...

O «18 de Abril»

Julgavamos que o sr. Joaquim Ribeiro estava justificando o «18 de Abril». Mas não. Quando lhe preguntámos se havia razão para esse movimento, respondeu-nos:

—Não me parece. Se as suas intenções fossem boas, deixavam realisar o Congresso do P. R. P. Então se veria se havia a razão que lhes servia de pretexto. Essa assembleia representava um esforço extraordinario, e a sua importancia era manifesta. E' certo que os fóros de cidadãos, com ideias, dados a bandidos que não passam de assassinos e de ladrões, e a carta do sr. Ferreira do Amaral, que ele se viu obrigado a publicar, eram motivos para todas as pessoas sensatas se precaverem. Foi por isso, possivelmente, que alguns republicanos, que assim se dizem, entraram nessa revolução. Curtinhos, já se sabe. Depois, pagariam caro a ingenuidade...

—O actual governo...

—Estava mantendo a ordem, e a razão apontada já não subsistia. Assim aconteceu tambem no «5 de Dezembro». Fez-se a revolução á pressa, porque Norton de Matos ia cair — e ele era o pretexto...

—Devem, então, sujeitar-se ao castigo?

—Mas, naturalmente... Ninguem engeita responsabilidades, quando tem caracter. Por causa do seu gesto morreu gente, e a vida humana merece algum respeito...

—Nunca foi revolucionario?

—Nunca o fui, nem serei. A não ser por uma razão de interesse nacional. Contra-revolucionario, sim. Pela ordem e pela Constituição da Republica, já me bati, como sabe. Mas, se fosse o autor duma revolução, parece-me que não poderia com tanta responsabilidade — e dava um tiro na cabeça...

O futuro do P. R. P.

—Mas voltando ao P. R. P.: — o que pensa do seu futuro?

—Penso que não convem destruí-lo, o que seria um mal para a Republica. Era impossivel organisar um partido, com a força que este ainda hoje manifesta. O que é preciso é que ele mereça confiança aos que produzem e trabalham, e que seja um rigoroso mantenedor da ordem e um bom administrador dos dinheiros publicos. Já mostrou como se faz a reorganisação financeira. Resta iniciar a grande obra de Fomento Nacional. E têm sido as revoluções e as suas consequencias que o têm impedido.

—Mas como dar essa garantia, se já se fala em novas revoluções?

—Convidando a ocupar os seus logares aqueles que os abandonaram. Deram esse resultado rivalidades politicas mesquinhas. Eram homens, antigos republicanos, desinteressados e honestos. Já se fizeram «démarches» nesse sentido, que vão continuar. Assim se eliminará naturalmente o que ha de mau no P. R. P. Já vê que não ha motivos para novas revoluções. Só aventureiros e idiotas é que metem na cabeça que é preciso ir contra os politicos e manter a ordem, quando, inconscientemente, servem politicos e são desordeiros. Razões de camaradagem tambem não colhem. Ninguem tem o direito de se revoltar, e muito menos o exercito. Esse habito que nos desacreditava, acabou agora, porque só agora uma revolução encontrou um general com competencia, valor e compreensão nitida do seu logar e das suas responsabilidades.

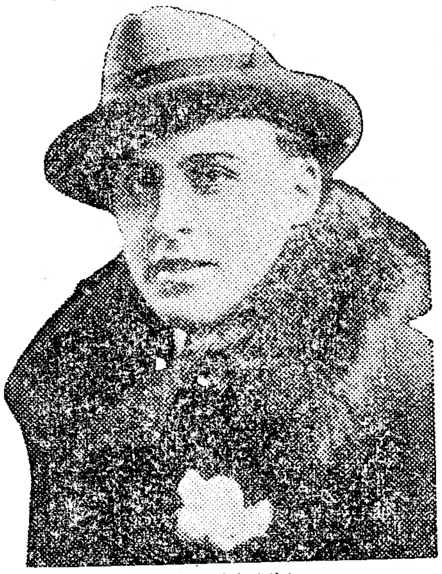
—Tem, então, confiança em que, sob a egide da ordem, o paiz vai progredir?

—Absoluta. A experiencia das esquerdas, para imitar Herriot — que taboleta tão mal pintada! — acabou. A Republica é radical e progressiva, mas justa e dentro dos moldes da actual organisação social. Se alguem, sem olhar a consequencias, com a audacia a suprir as ideias, quiz subir, sacrificando o Paiz e a Republica, errou o golpe. Os seus correligionarios da «Legião Vermelha» não voltam cá. Os que ficaram, porventura, terão que contar com o devido castigo.

Pelos teatros

Erico Braga

Erico Braga marca hoje, no teatro da nossa terra, uma individualidade. Artista dos mais ilustres, alia a esta qualidade um conhecimento profundo dos negocios teatrais, resolvendo os mais dificeis problemas com um sorriso que nunca o abandona. Erico Braga faz parte



ERICO BRAGA

d'essa pleiade de homens que honram a classe a que pertencem e são o orgulho de uma geração. De uma educação esmeradissima, inteligente, robusto de caracter é o tipo do artista-gentleman.

A'manhã, o teatro S. Carlos, em noite de sua festa, com a primeira representação da engraçadissima comedia «Os três anabatistas», vai ser pequeno para conter todos aqueles que o queiram abraçar e aplaudir.

Atrás do reposteiro

As actrizes Izilda de Vasconcelos e Beatriz Delgado desligaram-se da companhia dramatica organizada pelo dramaturgo Alfredo Cortez.

—Os scenarios da «bluette» «Chic-Chic» que no mês de Junho será representada no teatro S. Luiz, são executados por Luz & Almeida sobre «maquettes» de José de Almada Negreiros.

—Recebemos do sr. Avelino de Sousa a seguinte carta:

Meu caro Alvaro de Andrade:—Venho rogar-te a fineza de permitires que, por intermedio do «Diario de Lisboa», agradeça a todos os artistas que tomaram parte na minha festa e a todos que, directa ou indirectamente concorreram para a sua realização e brilho, bem como a imprensa diaria e a ti proprio, meu caro Alvaro, por tanta gentileza recebida. A todos o testemunho do meu reconhecimento, com um grande abraço do teu camarada e amigo grato—*Avelino de Sousa.*

—Os artistas Chaby Pinheiro e Jesuina de Chaby devem reaparecer no Porto, na proxima quinta feira, na peça «O Abade Constantino», no Sá da Bandeira.

—Foi contratado para a epoca de verão no Nacional actor Jorge Grave.

—E' amanhã que no São Luiz, realiza a sua festa artistica o maestro Cruz Braz, o qual organizou para a sua festa um programa, no qual figura a 1.ª e unica representação esta epoca da opereta «A Princesa dos Dollars».

—Consta que a grande couplotista-comica Amalia Isaura fechou contracto para o mês de Junho, vir trabalhar no teatro S. Luiz.

—As duas principais personagens femininas da opereta «Mercado de Donzelas», em ensaios no Trindade, vão ser interpretadas por Cremilda de Oliveira e Justina de Magalhães.

—Na segunda feira realizam no São Luiz a sua festa, o actor Antonio Paiva e o contra-regra Carlos Durão.

—Na comedia «Os autores dos meus dias», em ensaios no Avenida, além de Maria Matos e Mendonça de Carvalho, tem tambem um papel a actrizinha Maria Helena.

—Mimi Aguglia acaba de obter o mais estrondoso sucesso com a primeira representação da peça «Cada qual su manera», de Pirandelo, representada ante ontem na cidade de Barcelona.

—Chega amanhã ao Rio de Janeiro o empresario sr. José Loureiro.

—Regressou do Porto o administrador do teatro Nacional, sr. Lino Ferreira, tendo para ali partido o secretario do mesmo teatro, sr. Macedo e Brito. A companhia deste teatro representou, no Sá da Bandeira, ante ontem, a peça «Naufragos», de D. Fernanda de Castro.

—Despede-se hoje do publico do teatro de S. Carlos a comedia «O sinal de Alarme».

—No dia 20 realiza-se no teatro de S. Carlos uma representação unica da peça «O leque», em récita do secretario teatral sr. Carlos Mendes.

TEATRO DE S. CARLOS (M/N) TELEF. C. 3063
Companhia Lucilia Simões-Erico Braga
HOJE, ás 9-30 — Recita da Moda e ULTIMA representação da sensacionalissima peça
O Sinal de Alarme
AMANHÃ, 15, recita de ERICO BRAGA com
OS TRES ANABAPTISTAS

TEATRO da TRINDADE
Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C. 876
HOJE, ás 21-15, Autentico triunfo
da opereta de costumes brasileiros
A CAPITAL FEDERAL
ORIGINAL de Artur d'Azevedo — MUSICA de Nicolino Milano

TEATRO SÃO LUIZ
Ultimos espectaculos desta companhia, que parte em breve para o Brasil
HOJE, ás 9 — Ultima da opereta
A LEITEIRA DE ENTRE ARROIOS
AMANHÃ, 15, recita do maestro CRUZ BRAZ
A PRINCESA DOS DOLLARS

PO D'ARROZ D'ARTISTAS
O mais adherente. Amacia e aveluda a pelle, dando-lhe os tons mates : :: : : da Juventude : : : : :

O preferido pelas primeiras artistas

Caixa 8$50=1 2 caixa 5$00

PERFUMARIA MENDONÇA
43 — Calçada do Combro — 47
LISBOA

ACABOU A CALVICIE
COM O USO DO MARAVILHOSO
Especifico Mundano
EXTRAORDINARIA EFICACIA
Prodigioso invento | Assinalam-se já centenas de curas
Mostram-se certificados autenticos
O Depositario: JOSÉ FRANCO
R. Eugenio dos Santos, 16-1.º
LISBOA

BRILHANTES GRANDES
SEM DEFEITO, paga de 3.000$00 para cima o quilate, perolas, esmeraldas e joias, superior a qualquer oferta. R. 24 de Julho, 60, 1.º (a Santos).

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE. FAZEM-SE A 480$00 : : : : : FABRICAÇÃO GARANTIDA
TRAVESSA DA QUEIMADA. 31. loja : :

A INDUSTRIAL DE CARNES, L.DA
Séde e Escritorio
210, Rua dos Correeiros, 212
LISBOA
Telefone N. 5350 — Telegramas TRIALCARNES

Concessionaria para a venda de **Fiambres** e **Pasta Foie-Gras** de acreditados fabricantes estrangeiros

Especialidade em:
Toucinhos
Banhas
Chouriço de carne
Chouriço mouro
Unto
Prezuntos
Linguiça

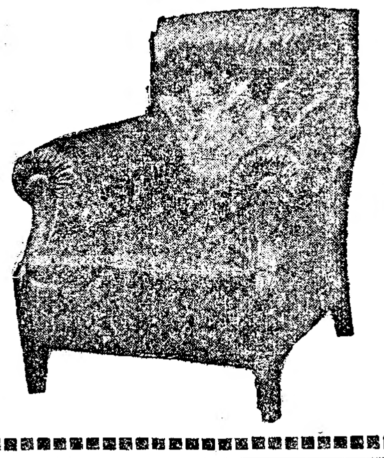
Secção especial de fornecimentos para Bordo, Roças, Hoteis, Azilos, Cooperativas, etc.

Preparação e fornecimento de:
Carne de vaca salgada
em barris de 100 quilos, propria para mantimentos de bordo

Fornecedora das principais casas de Lisboa, Provincias, Ilhas e Africa
Descontos aos revendedores

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
LISBOA — RUA DO OURO, 18, 24
PORTO — PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.
MOBILIAS
GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS



JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082

CIMENTO "TEJO"
PORTLAND ARTIFICIAL
PREÇOS RESUMIDOS — TELEFONE C. 233
ANTONIO MOREIRA RATO & F.OS, L.DA
RUA 24 DE JULHO, 54-F, LISBOA

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1901
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES
R. JANEIRO 1908 — ANVERS 1894 — BELEM 1893
LONDRES 1904 — LISBOA 1888 — PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUES 1918, ETC.
Xarope Peitoral James
Cura infalivel de todas as [illegible], mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 annos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.
DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147, LISBOA
Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Teatro AVENIDA Telefone N. 4356
EMPRESA JOSE' LOUREIRO
Comp. Maria Matos-Mendonça de Carvalho
HOJE, ás 21-30
A monumental comedia em 3 actos
ERA UMA VEZ UMA MENINA...
Consagração da actrizinha
Maria Helena

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.
Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro
HOJE, ás 9-15, Extraordinario SUCESSO
com a peça em 3 actos de Dario Niccomedi, tradução de Mario Duarte e Alberto Morais
A AIGRETTE
SUZANA LEBLANC, Amelia Rey Colaço
CLAUDIO LEBLANC, Alexandre de Azevedo

Teatro MARIA VITORIA
HOJE, RECITAS DA MODA
em duas sessões, ás 20-30 e 22-30
A triunfante revista
Rataplan!
Primoroso desempenho — Luxuosa e brilhantissima apresentação

O MELHOR LIMPA METAIS
SABÃO X
FABRICAÇÃO PRIVELIGIADA EM PORTUGAL
LIQUIFEITO
Vantagens:
É PERFUMADO
LIMPA RAPIDAMENTE
NÃO É GORDUROSO
NÃO SUJA AS MÃOS
NÃO CONTEM PRODUCTOS TOXICOS
SUBSTITUI TODOS OS PÓS DE LIMPAR TALHERES
DEPOSITARIOS GERAIS
Comptoir Comercial Português, L.da
ROSSIO, 93, 2.º—Telef. N. 4829
A' venda em todas as boas drogarias e casas do genero
Aceitam-se agentes na provincia

DOENÇAS NERVOSAS
Gabinete hidroterapico—C. do Duque, 20
C. da Gloria, 15—T. N. 4457
Director
Dr. J. Silvestre d'Almeida
Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.
Aberto das 8 ás 13 horas.
Consultas das 10 ás 12 horas

Frederico Augusto Ribeiro
FALECEU
Confortado com os Sacramentos da Igreja

Cacilda Barroso Ribeiro, filhas, filho, genros, irmã e cunhados participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o falecimento do seu muito querido marido, pae, sogro, irmão e cunhado, cujo funeral se realisa amanhã, 15, pelas 11 horas da manhã, sahindo o prestito funebre da rua de D. Estefania, 147.

Litografia Tejo, Ltda.
Execução rapida de todos os trabalhos quer em Fotogravura, Chromo e relevo
Peçam orçamentos
TELEF. N, 1713
R. Saraiva de Carvalho 207, porta P

ESTRANGEIRO

Dr. Eduardo Coelho
Assistente de Clinica Medica da Faculdade de Medicina
Com pratica no Serviço do Prof. Kraus, de Berlim
DOENÇAS DO CORAÇÃO—Medicina geral
Cons. R. do Alecrim, 105—Telef. C. 3112

UM TRATADO SECRETO

OS japonezes estão fornecendo armas á Russia

MOSCOW, 14

Uma das clausulas do tratado secreto entre o Japão e os «Soviets», que acaba de ser assinado em Tokio, é o fornecimento de armas á Russia pelo Japão.

De Rostow-sur-le-Don chegaram já a Moscow grandes quantidades de armas; o Japão comprometeu-se a entregar até 15 de agosto de 1926, 35 submarinos, 100 hidro-aviões e 125 canhões, dos quais os maiores têm 80 cm. de calibre.

Uma comissão militar e naval russa, dirigida por um general, encontra-se actualmente no Japão, para examinar e tomar conta das armas a fornecer pelo Japão.

Uma missão militar japonesa chegou a Moscow ao mesmo tempo que o embaixador japonês.—(H).

Fundação dum Banco sovietico

MOSCOU, 14

Uma comissão composta pelos srs. Schatow, Roismann, Ivanow e Navaschine, trabalha activamente em Paris com o fim de fundar um Banco sovietico, com um capital subscrito por acções de dez milhões de rublos-oiro. O fim em vista é estabelecer Bancos sovieticos no estrangeiro, a fim de se dispensarem os institutos financeiros indigenas; chamar o capital destes paises e fazer entrar o dinheiro destinado á propaganda sem levantar suspeitas.—(H.)

A acção da terceira internacional

MOSCOU, 14

As revelações da imprensa estrangeira, sôbre a acção da III Internacional, estão tomando um caminho perigoso, e os desmentidos lançados ácêrca de certas medidas, trazendo controversias desvantajosas; o «Bureau» politico ordenou ao Comissariado dos negocios estrangeiros que se abstivesse doravante de publicar refutações e mesmo rectificações ás informações publicadas no estrangeiro.—(H.)

CARTA DE PARIS

Julgamento que ocasiona UM PROTESTO da "União dos artistas,,

PARIS—12 de maio—A Condessa de Kerminon, acusada de ter assassinado o marido, foi ontem condenada a oito anos de reclusão.

O grande advogado Henri Robert, não conseguiu, apesar dos seus esforços, salvar a sua constituinte. Salvou-a dos trabalhos forçados, o que já é alguma coisa. Para provar a sua inocencia, era necessario provar-se qne houve desastre, o que os peritos negaram terminantemente.

A Imprensa francesa ocupou-se largamente e demasiadamente deste drama. Publicaram-se cartas do Conde para as suas amantes, esmiuçou-se a vida dos dois esposos, criticando-se ora um, ora outro, segundo as tendencias politicas dos jornais, no intuito evidente de influir na decisão do tribunal.

As opiniões dividiam-se em dois campos: dum lado estavam os defensores da tradição a insurgir-se contra essa mulher, antiga cantora de café-concerto, que conseguiu introduzir-se no seio duma grande familia, uma das mais velhas e ilustres familias da Bretanha, e que nunca poderia, por motivo de educacão e de meio social, viver em harmonia com seu marido. Do outro lado, estão os defensores do povo que acusam o Conde, ultimo ramo duma raça decadente, um degenerado, um fraco que nunca soube trabalhar, um «Don Juan» impenitente que fazia a côrte a todas as mulheres, preferindo as criadas da sua casa, não deixando a sua mulher um unico momento de tranquilidade.

O proprio julgamento ressentiu-se destas duas correntes de opinião. Não raras vezes se pronunciou a frase «ilustre e nobre familia de Herminon», oposição á humilde origem da cantora que o conde conhecera por acaso, num café concerto, em Alger.

Henri Robert teve de intervir, lembrando que as palavras «casta e brazão» não são da nossa epoca. «Hoje, a unica nobreza que conta é a do coração, e para mim — diz o ilustre advogado — prefiro o homem do povo que trabalha ao fidalgo mandrião e inutil».

Infelizmente, outros motivos que não apenas o ciume, levaram a condessa de Kerminon ao extremo de atentar contra a vida de seu marido. Questões de dinheiro e de negocios e é isso que a torna antipatica aos olhos duma grande maioria do publico.

Desceu o pano sobre a tragedia que enlutou a familia de Kerminon.

O conde já não pode pronunciar-se sobre a verdade dos factos. As suas primeiras palavras «je me suis blessé» foram certamente proferidas no intuito de evitar um escandalo.

Mais tarde, talvez quando sentiu avisinhar-se a morte, acusou a mulher á amante e pediu-lhe segredo.

Esta ultima entendeu que não devia calar-se e a condessa foi condenada. Os seus 60 anos passados, não poderão certamente resistir aos horrores da prisão.

A tragedia acabou, mas os espectadores discutem ainda. Não se trata do resultado do julgamento, mas das palavras ofensivas para a honra e dignidade dos artistas, proferidas em pleno tribunal pelo delegado do Ministerio Publico.

Para acusar a antiga cantora, o magistrado não hesitou em afirmar que nenhuma mulher podia passar pelo palco dos cafés concertos, sem se entregar a uma vida galante e deshonesta. E, quando a actual condessa de Kerminon protestava contra a forma indigna como julgavam o seu passado, sem provas nem testemunhas, quando ela pretendia recordar a luta material em que se debateu para poder criar o filho que teve do primeiro marido, o juiz implacavel obrigou-a a calar-se, dizendo-lhe «Vous n'êtes pas ici sur les planches, Madame!»

A União dos Artistas vai protestar. Preparemo-nos para ouvir a palavra entusiasta de alguns defensores do teatro, e a voz admiravel de Colette que não deixará, mais uma vez, de se interessar pelas pobres raparigas que muitas vezes a miseria atira para os palcos dos cafés concertos e que conseguem, apesar de tudo, manter-se honestas e dignas.

Irene de Vasconcelos

A FRANÇA EM MARROCOS

JA' principiou o ataque francez á frente rifenha

RABAT, 14

As tropas francesas apoiadas por poderosa artilharia e grandes forças de aviação começaram esta manhã a desimpedir o massiço de Bibane, onde os rifenhos estavam entricheirados em trincheiras feitas segundo os preceitos da tatica moderna.

Nos recontros havidos os franceses tiveram sempre acentuadas vantagens. Estão libertos já varios postos que estavam cercados por inimigos e que tinham sido abastecidos pela aviação.

As colunas formadas contra os cabilenos têm artilharia de montanha, aviões, tanques ligeiros e grupos coloniais de tropas de choque, e cavalaria que foi reforçada com muitos esquadrões argelinos.

A coluna do general Colombat entrou em colisão com o inimigo do que resultou a perda de vinte soldados franceses tendo o inimigo deixado no campo duzentos mortos.

As forças marroquinas foram repelidas tendo o general Colombat conseguido enviar provisões e munições para todos os postos avançados do seu sector. O coronel Freydenberg perdeu quatorze homens tendo causado quinhentas baixas ao inimigo. Os rifenhos recuaram para Taleghga. — (R.)

A' baioneta foi tomada a aldeia de Azdour

RABAT, 14

Os grupos comandados pelos coroneis Colombat e Freydenberg realizaram ontem operações de conjunto, cujo resultado foi ser libertado por completo o massiço fortificado de Bibane, donde os rifenhos, após energica resistencia, foram desalojados, fugindo desordenadamente para o norte pelos vales de Ouedanoceur e Hamouda, sendo perseguidos e bombardeados pelas nossas esquadrilhas aereas.

A aldeia de Azdour foi tomada á baioneta e libertados os postos de Bibane, Darkemich, Amezez e Talenza. A coluna comandada pelo coronel Colombat instalou-se novamente no cume de Bibane.

Foram muito importantes as perdas sofridas pelos rifenhos.—(H.)

Abd-el-Krin não tem direitos sobre a zona francesa

FEZ, 14

O general Chambrun comandante em chefe dos exercitos franceses em Marrocos concedeu uma entrevista a jornalistas americanos, tendo-lhes exposto a tactica empregada pelo exercito francês para impedir a invasão rifenha, dizendo-lhe estar confiado em que as armas francezas inflingirão aos rifenhos um castigo exemplar.

O general Chambrun disse que Abd-el-Krim não tinha quaisquer direito sobre a zona francesa, sendo muito questionaveis os direitos que se arrogava nos territorios que ocupava da zona espanhola.

O movimento ofensivo distinguiu-se pelo incendio de aldeias, destruição de culturas e depredações de toda a especie.

Abd-el-Krim viu com maus olhos sempre o estabelecimento dos postos franceses ao longo de Ouergha, tendo ameaçado varias vezes a França com a guerra, se esses postos não fossem evacuados.

A sua ameaça não se cumpriu porque até então Abd-el-Krim estava ocupado pelas tropas espanholas, mas logo que poude cumpriu a sua ameaça de que as tropas francesas se vão esforçar por o fazer arrepender.—(R.)

DR. ARMANDO NARCISO
Medico do Hospital de Santa Marta
CLINICA MEDICA
Consultorio:
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)
Residencia:
Rua Nogueira e Scusa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

Policlinica DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353
Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—4 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia de Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Doenças das crianças—Dr. Cordeiro Ferreira—3 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—1 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Bello—3 h.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Raios X—Dr. José de Padua—4 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
analises clinicas—D. Gabriela Beato—4 h.

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões, 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747
Dr. Amor de Melo . . . Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior . . . Clinica geral e doenças das crianças—13 h.
Dr. Camossa Saldanha Rins e vias urinarias—10 e 1/2 h.
Dr. Cancella d'Abreu . Medicina geral, doenças nervosas—15 h.
Dr. Cordeiro Lobato. . Garganta, nariz e ouvidos—13 h.
Dr. F. Martins Pereira Medicina geral, coração e pulmões—15 e 1/2 h.
Dr. Henrique Roquette Olhos—15 h.
Dr. Luiz Ottolini . . . . Cirurgia, doenças das senhoras e partos—14 e 1/2 h.
Dr. Jorge Falcão . . . Pele e sifilis—14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco . . . Raios X.

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de resposabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS:
MELLO DA SILVA & SEQUEIRA, LIMITADA
Rua Nova do Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C.-587 Telegramas: *Melioseque*

POLICLINICA DO INTENDENTE
ALMIRANTE REIS, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.
Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Sifilis e doenças da nutrição (diabetes, gota, obesidade), ás 16.
Dr. Formigal Luzes—Massagens, gymnastica, banhos de luz (Sol das altitudes), mecanotherapia, electrotherapia (diathermia), etc.)
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas, ás 14.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 14.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações ás 16.

MAPLES HA SEMPRE GRANDE VARIEDADE, DE OPTIMA CONSTRUCÇÃO, PREÇOS REDUZIDOS.
25-A--R. Luz Soriano--27, 1.º, E. (Ao Calhariz)

Hemorrhoidal
Cura-se, evitando a operação. Laboratorio Sanitario. Avenida Almirante Reis, 29, 1.º.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
°/Londres, cheque	98$50	98$75
° Paris	—	1$06
° Madrid	—	2$95
°/New-York	—	20$40
° Amsterdam	—	8$20
°/Suiça	—	3$95

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
°/Bruxelas	—	1$03
°/Italia	—	$84
°/Praga	—	$61
°/Brazil	—	—
Libra esterlina	100$00	105$00
Agio do ouro	—	—

A PEREGRINAÇÃO

A benção

aos enfermos

e a procissão

em Lourdes

(Continuação da 1.ª pagina)

mancha roxa das vestes prelaticias. Chega o Palio doirado, sob o qual Sua Eminencia, envolto de ouro d'asperges, conduz o Santissimo.

Silencio agora. Ajoelha tudo sobre o asfalto encharcado das chuvas. D. Antonio sai debaixo do Palio, a cujas varas pegavam pessoas de distinção e conduzindo o Santissimo avança aos doentes, agora sob a *umbela* de amarelo tenue, conduzida pelo dr. Gomes Teixeira, velhinho atrazando-se, deixava que a chuva caísse sob a cabeça alvissima do venerando Prelado.

O silencio aquece. Neutraliza a gelada dureza da tarde. E tudo é triste. Ouve-se agora, ao centro, a voz de um padre português, capelão de Lourdes:

—Senhor! Nós vos adoramos!

—Senhor! Nós acreditamos em vós!

—Senhor! Os que vós amais sofrem!

Começa a pesar nas almas o espectaculo impressionante de Fé.

E Mgr. Costa repete, numa voz profetica de abalar as figuras macissas, na explanada explendida do templo superior:

—Senhor, diz uma palavra só, e eu serei curado!

—Jesus! oh Filho de Maria, tende piedade de nós!

—Jesus! Filho de David! tende piedade de nós!

Esmaga tudo isto. O padre português é substituido por um padre suisso, de voz timbrada e suave, profunda e harmoniosa:

—Seigneur! Nous vous adorons!

—Seigneur! Nous esperons en vous!

—Seigneur! Nous vous aimons!

O Cardeal, seguido das purpuras, enxarcadas de chuva, luzindo como rubis tornados sêda, vai abençoando os doentes. E os olhos deles esperam. E o padre suisso:

—Seigneur! Celui que vos aimez est malade!

—Seigneur! Faites que je voie!

—Seigneur! Faites que je marche!

—Seigneur! Faites que j'entende!

O Santissimo passa agora ao centro, onde se nota ajoelhado, de negro, como um marmore escultural, o padre Cruz, que leva em Portugal fama de santo. E a voz do padre, resonante e tremula de emoção:

—Hossana! Hossana! Filho de David!

—Hossana! Hossana! Filho de David!

E depois:

—Fils de David! Fils de David!

Volta a ajoelhar a multidão, que reza, que chora. Dom Cardeal abençôa-a. E chove torrencialmente.

Formidavel espectaculo de Fé, a que eu assisto, jornalista, jornalista só, do alto isolado da tribuna da minha alma, com a minha sensibilidade amachucada como uma linha branca de linho fino, entre duas folhas de papel branco, dentro de um livro de orações antigas.

Acabou a procissão.

A peregrinação espalha-se silenciosa pelas naves, pelos penitenciarios escusos dos dois templos—em busca de confissão.

Norberto de Araujo

DE LUTO

General Carlos de Chateauneuf

Faleceu, na sua residencia da rua dos Lusiadas, n.º 42, 2.º, o general Carlos Frederico de Chateauneuf.

Foi o ultimo comandante do grupo de esquadrões da guarda municipal, ajudante de ordens do visconde de S. Januario e ajudante de campo do general Eliseu de Serpa e do comandante Malaquias de Lemos. Desempenhou por alguns anos o logar de professor do Asilo Maria Pia. Era cunhado do sr. Antonio Ferraz de Sequeira, antigo director da caixa filial do Banco de Portugal, e do sr. João Ferraz de Sequeira, administrador da Casa de Bragança.

O funeral realisa-se amanhã, pelas onze horas, para o cemiterio dos Prazeres.

POLITICA PARTIDARIA

As classes

operarias

e os nacionalistas

segundo

Ginestal Machado

O sr. dr. Ginestal Machado, presidente do Directorio do Partido Nacionalista, é a pessoa mais categorisada para nos falar dos planos e da acção desse partido. Boatos surdos, destes que deslisam pelas mesas dos cafés e raro aparecem nas colunas dos jornais, apontavam esse partido como inclinado a soluções governativas inspiradas pela violencia e pelo arbitrio.

O sr. dr. Ginestal Machado sorriu perante essa terrifica visão das hostes nacionalistas marchando de camisa negra á conquista do Terreiro do Paço...

—Estamos entre dois fogos de acusações. Os monarquicos consideram-nos umas pobres pessoas inofensivas, sem pensamento politico e sem acção. Inocentes trovadores nesta cegarega dos partidos e das facções... Certos elementos avançados julgam que a nossa orientação enferma dum estreito reacionarismo, inteiramente desintegrados do espirito progressivo da Democracia.

—Nem uma coisa nem outra...

—Não nos molestam as criticas, por veses até espirituosas, dos monarquicos. Partido estruturalmente republicano, onde militam tantos dos cidadãos que para a implantação da Republica decisivamente contribuiram, pela propaganda e pelas armas, não pode o nacionalismo aspirar a satisfazer os objectivos que guiam os passos dos adversarios da Republica.

—E as outras acusações...

—Inteiramente destituidas de verdade. Imaginar que o partido nacionalista, instalado no poder, vá guerrear as classes operarias, diminuir por qualquer forma as legitimas conquistas que elas obtiveram, cercear as liberdades publicas, numa palavra, imprimir um movimento de retrocesso á marcha das ideias, é simultaneamente agravar o nosso caracter e ofender a nossa inteligencia.

—Mas é um partido conservador, o nacionalista...

—Sem duvida. Conservador no sentido de manter o equilibrio social, de evitar os rompimentos bruscos que só podem trazer a anarquia e a destruição. As sociedades modificam-se. A sua estrutura sofre com o tempo profundas alterações. Deslocam-se as posições das classes, criam-se novos interesses, formulam-se leis para garantia e defesa de situações sociais correspondentes a determinado periodo historico... Para que essas modificações se produzam sem saltos bruscos, destruidores das energias e das riquezas dum povo, é que em toda a parte existem os partidos conservadores, com a sua função bem definida e as suas caracteristicas bem marcadas.

—Quanto á politica do arbitrio...

—Nunca a faremos. Em regime democratico ha uma sujeição que voluntariamente se aceita: a da lei. Arbitrio é tudo que para aí se tem feito, com absoluto despreso dos principios republicanos, relegando-se o Parlamento á situação subalterna da chancela do poder executivo, que a si proprio se confere funções de poder judicial, reservando-se o direito de classificar, julgar e punir crimes, sem que das suas decisões, por mais iniquas ou injustas, haja outro recurso que não seja... o do proprio poder executivo. O decreto em que se estabeleceu tal monstruosidade é uma afronta ao sentimento republicano da nação.

—O problema da manutenção da ordem...

—Será a mais viva preocupação de um governo do nosso partido. Sem ordem, sem a tranquilidade assegurada, serão inuteis todos os esforços para o aproveitamento, metodico e pleno, de todas as vastas riquesas do país. A ordem politica e social estabelece-se menos pela pratica de violencias que pelo exemplo de uma administração regrada, que a todos inspire confiança e respeito, e pela obediencia constante ás disposições da lei. Punam-se todos os abusos, partam de onde partirem, das classes possuidoras ou das menos favorecidas, e esse alto exemplo de justiça será o esteio mais seguro da tranquilidade publica.

—Pensa o partido nacionalista, quando governo, efectivar quaisquer medidas de politica social?

—Posso assegurar-lhe que todos os problemas de assistencia e previdencia merecerão a um governo nacionalista, que tenha condições de estabilidade, não apenas um interesse platonico mas o estudo e decisão bastantes para se adotarem soluções imediatas. Com o sacrificio de dotações orçamentais menos urgentes, com a eliminação de despesas que só representam desperdicios, deve realisar-se em Portugal uma larga, uma generosa protecção aos humildes, aos deserdados.

—E nesse sentido...

—E' Lisboa a capital da Europa onde é maior a percentagem da mortalidade infantil. Não ha maternidades, não ha creches, não ha lactarios. Mães desgraçadas inteiramente ao abandono, apertando nos braços filhos esqueleticos. Espectaculo confrangedor, que nunca mereceu um minuto de atenção aos politicos republicanos que se dizem defensores de principios radicais. A assistencia hospitalar é deficientissima, pela exiguidade das verbas, vendo-se obrigados medicos e cirurgiões, que os temos do mais alto valor scientifico, a confessarem a sua impotencia para o cumprimento do seu dever profissional. E' urgente atacar com decisão esses problemas, e o partido nacionalista não hesitará um momento em fazel-o.

—E sobre eleições?

—Só lhe posso dizer que o partido nacionalista vai realizar uma activa propaganda em todo o país, afirmando os seus principios e defendendo a sua orientação. Os adversarios da Republica têm posto perante a consciencia da nação este dilema: ou democraticos ou Monarquia. Não pode ser assim, e estou certo que não será. Republica e sempre Republica, é o objectivo final de toda a nossa acção politica, demonstrando que ela não pode ser o feudo dum partido, duma casta ou duma facção, e tem de ser, e ha-de ser, um regime verdadeiramente nacional, onde todos os portugueses, á sombra da lei, gosem de iguais direitos e se submetam ás mesmas obrigações.

Excursão a França e Belgica

Partida de Lisboa em 1 de Junho

Permanencia de oito dias em PARIS e de quatro dias na BELGICA para visitar BRUXELLAS, ANVERS, LIEGE e GRUTAS D'HAN

A inscrição acha-se aberta na rua de S. Nicolau, 18 a 22, e rua do Amparo, 58, até 23 de Maio, onde se fornecem os programas e se prestam todos os esclarecimentos.

Esta é a segunda da série de excursões dirigida por José A. de Oliveira, tendo-se efectuado a primeira em 16 de Março ultimo e sendo garantia bastante do seu absoluto exito, as referencias dadas pelos Ex.mos Srs. excursionistas, que nela tomaram parte.

OS PROTESTANTES

O elixir

da longa vida

e a conferencia

de Rutherford

A vida! Que saborosa coisa, não é verdade? Mesmo quando é ruim, arreliante, má.

—Antes a morte, que tal sorte!—dizem certos figurões de opereta, a fingir de desiludidos.

Livra! Então ele ha coisa melhor que a vida, bem vivida, vivinha da costa?!

E tanto assim é, que só o enunciado de que se encontrou remedio para eternisar a existencia, é motivo de enlevada alegria para toda a Humanidade. Fica tudo maluco.

Foi o que sucedeu quando o Senhor Juiz Rutherford, um homemsinho de New-York, que prantou até pelas paredes e pelos jornais, cartazes e reclamos, anunciou á gente alfacinha que lhes diria, uma conferencia, como descobrira o «remedio de viver sempre». Foi uma loucura! Todo o fiel bicho careta desconfiou que, finalmente, se conseguira aquele esperado Elixir da Longa Vida, farejado ingloriamente por toda a negra alquimia da Idade Media! E abalou todo o povo, para o liceu Camões, com vinte escudos no bolso—pois se calhar o Juiz Rutherford, vendia o segredo, em frasquinhos!

Qual frasquinhos, nem qual carapuça! No gimnasio desse estabelecimento de ensino, que está servindo ha muito para comicios, congressos, conferencias, comedias, etc., não vendeu frasco nenhum. Quiz efectivamente vender o seu peixe. Mas quando começou a falar do psalmo de Jeremias, das previsões de Ismael, das palavras de Abrahão, um grande tumulto se levantou. Assobios. Muita berrata—o Inferno!—«Fora! Fora!» gritava a sala em pêso. Juiz Rutherford estava abananado. Desenharam-se protestos. E os protestantes ganiam:

—Fora, que é protestante! Não queremos doutrinas, queremos viver sempre!

—Queremos comprar frasquinhos! Venda frasquinhos!

Rutherford, livido, pediu «cinco minutos mais», para conclusão. E acabou, no meio dum grande charivari, por dizer que a maneira de viver eternamente era seguir a lei de Deus.

O' Diabo! disseram os circunstantes. E se não se raspa, a lei de Deus não lhe servia para nada. Espatifavam-no.

Quizemos hoje ouvir Luiz Rutherford. Procurámo-lo. O conferencista, que se hospedou no Hotel de l'Europe, tinha fugido para terra mais civilisada e soberana, no primeiro comboio que encontrou depois de sair do Liceu Camões.

O novo reitor

da Universidade de Coimbra

Consta-nos que o sr. ministro da Instrução vai convidar para o cargo de reitor da Universidade de Coimbra o ilustre professor sr. dr. Henrique de Vilhena, da Faculdade de Medicina de Lisboa, antigo presidente da Camara Municipal de Lisboa.

"Alster Pavillon"

Continua sendo muito frequentado este elegante «cabaret», onde se passam noites de prazer e alegria como num verdadeiro Eden.

Flor Temprana e Julieta Orellana continuam em pleno exito.

Tem tido enorme consumo a deliciosa cerveja alemã que ali se vende.

ESCRITORIO

Precisa-se 1.º andar entre a Rua da Conceição e Rocio, Crucifixo e Douradores.

Carta á Rua Augusta, 175.